

RITOS E PRÁTICAS PASTORAIS EM TEMPOS DE MUDANÇA: UMA REFLEXÃO A PARTIR DA LITURGIA E DO ACONSELHAMENTO PASTORAL¹

Valburga Schmiedt Streck²
Júlio César Adam³

Resumo: Este artigo reflete sobre a função dos ritos litúrgicos nos ciclos da vida pessoal, familiar e social. Toma-se como base alguns dos ritos litúrgicos já existentes na igreja cristã, como o culto comunitário, o sacramento do Batismo e os ofícios casuais, como o matrimônio e o funeral. Por outro lado, a partir do ciclo vital, reflete-se sobre possíveis novos ritos a serem desenvolvidos na igreja e sua função terapêutica. A reflexão quer impulsionar novas investigações na e a partir da teologia prática – liturgia e aconselhamento pastoral – na atualidade.

Palavras-chave: Rito e ritual. Ciclo vital. Liturgia e aconselhamento pastoral.

*Rites and pastoral practices in times of change:
a reflection from the perspective of liturgy and pastoral counseling*

Abstract: The purpose of this text is to reflect on the function of liturgical rites in the life cycle of the individual, his/her family as well as the social network. Some of the liturgical rites that are common and basic in the Church such as the Sunday service, the sacrament of Baptism, and common rites such as matrimony and funeral. On the other side, the focus is on new rituals that can be developed by the Church looking in special way to its therapeutic function. This paper encourages new investigations in the area of Practical Theology as well as from a practical theological perspective – either in liturgy or pastoral counseling – having special consideration for cultural changes in current society.

Keywords: Rites and ritual. Life cycle. Liturgy and pastoral counseling.

Introdução

Nosso dia a dia, nossa cultura, nossa religião se estruturam a partir dos ritos.⁴ Do mais simples ritual, como o cumprimentar, até o mais complexo, como

¹ O artigo foi recebido em 30 de março de 2011 e aprovado por parecerista *ad hoc* mediante parecer de 05 de agosto de 2011.

² Doutora em Teologia, professora na Faculdades EST, São Leopoldo/RS, e diretora de ensino do *Proyecto Estudio e Investigación en Teología y VIH y Sida* na América Latina. valburgas@yahoo.com.br

³ Doutor em Teologia, professor na Faculdades EST, São Leopoldo/RS, julio3@est.edu.br, e Faculdade IENH, Novo Hamburgo/RS; pastor escolar na IENH, julio@ienh.com.br

⁴ Mesmo que haja uma diferenciação na antropologia entre o termo rito e ritual, neste artigo usaremos os dois termos como sinônimos.

um funeral, os ritos dão forma e sentido para a vida individual e coletiva. Entender como e por que isso se dá e, principalmente, pensar os rituais a partir da teologia prática – a partir do aconselhamento pastoral e da liturgia em especial –, nos ciclos da vida familiar, é que nos propomos neste artigo.

Ritos ajudam a criar e manter o sentido das coisas, das relações, dos sentimentos, dos eventos. Num primeiro momento (ponto 01), buscaremos, a partir das ciências humanas, definições de rito/ritual e dos ritos religiosos e sua função no desenvolvimento e manutenção dos ciclos pessoais, familiares e comunitários. Já num segundo momento (ponto 02), olharemos, também a partir de uma perspectiva antropológica, mas também de uma perspectiva teológica, dando enfoque nos ritos tradicionais da igreja, no próprio culto e nos aqui chamados ritos litúrgicos (sacramentos e ofícios). Ao final do artigo, como um impulso para novas investigações, traçamos algumas conclusões para pensar nos desafios dos ritos nos ciclos da vida familiar na atualidade.

1. Ritos e ritual: definições e funções nos ciclos da vida⁵ pessoal e familiar

Os ritos providenciam espaços seguros, onde o ser humano pode resolver problemas pessoais ou sociais. Assim um ritual pode destruir antigas estruturas e criar novas ordens sociais, bem como marcar uma passagem e também fazer uma transição.⁶ Mudanças no presente estão baseadas em tradições passadas e relacionamentos futuros são definidos. “De forma especial são importantes os componentes dos rituais, no que eles falam não sobre papéis, regras, relacionamentos e perspectivas de vida, mas de papéis, relacionamentos, regras e visões de mundo como elementos que são expressos no ritual.”⁷

Mesmo que haja diferenças étnicas, religiosas e sociais, todas as famílias e redes sociais têm rituais que podem ser identificados. Da mesma forma como os rituais, também as tradições nos ligam com as gerações passadas, com a nossa história. Rituais foram usados através dos séculos e ajudam as famílias e os indivíduos a elaborar e demarcar sua estrutura social. Na área da terapia familiar, os rituais foram introduzidos pela psiquiatra Mara Selvini Palazzoli, em 1974, através do assim chamado Grupo de Milão, um grupo de quatro psiquiatras que, ao se mover de um

⁵ O termo ciclo vital será usado no texto de uma perspectiva sistêmica de movimento da pessoa e de sua rede social através dos estágios da vida.

⁶ VAN GENNEP, A. **The Rites of Passage**. Chicago, IL: University of Chicago Press, 1960; ROBERTS, Janine. Setting the Frame, Definition, Functions and Typology of Rituals. In: IMBER-BLACK, R. et al. (Eds.). **Rituals in Families and Family Therapy**. New York: WW Norton, 1988; IMBER-BLACK, Evan; ROBERTS, Janine. **Rituals for our Times**. Celebrating, Healing and Changing our Lives and our Relationships. New York: Harper.

⁷ ROBERTS, Janine. Setting the Frame, Definition, Functions and Typology of Rituals. In: IMBER-BLACK et al., 1988, p. 12.

enfoque psicanalítico para o enfoque de sistemas, começou a ver a importância de rituais no trabalho com famílias.⁸

Ao estudar rituais e sua aplicabilidade no trabalho com famílias, descobrem que esses são uma das mais efetivas técnicas terapêuticas para ajudar a família a resolver questões que de outra forma levariam anos para resolver ou nunca seriam resolvidos. Ao estudar os rituais, esse grupo percebe o poder do código não verbal que existe nos rituais. Nos dias atuais, há em várias partes do planeta um interesse por rituais. E esse é manifestado por vários setores da sociedade, como igreja, profissionais da saúde, educadores, empresas e inclusive a mídia. Todos têm contribuído de uma ou outra maneira para que se pudesse ajudar as pessoas e as famílias a fortalecerem os seus laços e a resgatarem as narrativas de gerações passadas e repassá-las para a geração seguinte.⁹

Segundo Peirano:

O ritual é um sistema cultural de comunicação simbólica. Ele é constituído de sequências ordenadas e padronizadas de palavras e atos, em geral expressos por múltiplos meios. Estas sequências têm conteúdo e arranjos caracterizados por graus variados de formalidade (convencionalidade), estereotipia (rigidez), condensação (fusão) e redundância (repetição). A ação ritual nos seus traços constitutivos pode ser como “performativa” em três sentidos: 1) no sentido pelo qual dizer é também fazer alguma coisa como um ato convencional (como quando se diz “sim” à pergunta do padre em um casamento); 2) no sentido pelo qual os participantes experimentam intensamente uma performance que utiliza vários meios de comunicação (um exemplo seria o nosso carnaval) e 3), finalmente, no sentido de valores sendo inferidos e criados pelos atores durante a performance (por exemplo, quando identificamos como “Brasil” o time de futebol campeão do mundo)¹⁰.

É importante mencionar que rito ou ritual não é simplesmente o ato, mas todo o processo de preparo, de experimentá-lo até depois que ele acabou e é hora de voltar à vida normal. Por isso ele possui três fases que precisam ser desenvolvidas. Se tomarmos como exemplo o ritual de Natal, podemos dizer que se começa com fazer os doces, depois enfeita a árvore, enrola presentes, arruma o pinheirinho, faz o presépio, vai com a família ao culto de Natal. O passo seguinte é, em casa, quando a família celebra em conjunto e dá os presentes. No dia seguinte, talvez haja o almoço com a família extensa ou visita a parentes. A terceira parte desse ritual é o desfazer o pinheiro e guardar os enfeites. Como vemos, os rituais fornecem um quadro de referência para expectativas, onde a repetição, a familiaridade e a transformação ocorrem e podem levar a novos significados e comportamentos. Por isso é que se

⁸ Cf. PALAZOLLI, M. S. et al. **Family Games**: General Models of Psychotic Processes in the Family. London: H Karnac, 1989.

⁹ IMBER-BLACK; ROBERTS, 1993.

¹⁰ PEIRANO, Mariza. **Rituais ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 11.

diz que um ritual pode ser terapêutico quando bem efetuado.¹¹ Voltando ao exemplo do Natal, podemos tomar uma vela do pinheiro e ver nela um símbolo. Esse mesmo símbolo para uns pode ter um significado bonito e lembrar coisas marcantes, para outros, o mesmo símbolo pode lembrar coisas negativas. Os símbolos são os menores elementos de um ritual e não podem ser expressos em palavras. Vale então lembrar que os rituais podem ao mesmo tempo juntar tempo presente, passado e remeter ao futuro e ajudar a clarear relacionamentos bem como esclarecer coisas que levariam anos de outra forma.

Em todas as sociedades, encontramos ritos do ciclo de vida familiar com cerimônias, na maioria das vezes religiosas, que ajudam de forma curativa os membros e o indivíduo no centro do ritual a lidar com a passagem de um estágio para o outro. Provavelmente nenhuma outra experiência religiosa tenha a capacidade de trabalhar esse processo curativo¹² em tal eficácia.

Muitos estudiosos consideram que esses foram em si as primeiras e mais antigas psicoterapias de família, porque permitiam às famílias, ao indivíduo e à comunidade a transição e, ao mesmo tempo, levavam a olhar para sua espiritualidade. A psicoterapia moderna, por sua vez, começa a focar no indivíduo e no intrapsíquico, e deixou de lado o enfoque do sistema familiar e das forças da comunidade eclesial e da sociedade maior em que os indivíduos estão inseridos. Talvez por isso os clérigos também deixaram de dar valor a um recurso valioso que tinham em suas mãos. Por outro lado, a crise das instituições, entre elas a igreja e a família, também fez com que os ritos caíssem em desuso.

Atualmente muitos casais nem se casam mais e a pluralidade religiosa que existe nos grupos familiares leva a um descaso com os ritos que marcam eventos nodais, como os ritos litúrgicos do Batismo (rito de iniciação e identidade), casamento, confirmação e o próprio sepultamento. Com isso se perde a chance de entender como funciona a dinâmica do processo emocional envolvido nesses momentos de transição e se perde um valioso instrumento que pode desencadear forças curativas. Por outro lado, em nenhum outro momento da vida familiar um ministro religioso tem a oportunidade de entrar na vida familiar e, ao mesmo tempo, envolver a comunidade como um sistema curativo.¹³

Nos ritos de passagem, os valores religiosos podem ser revistos com os membros familiares e reavaliados. Isso também remete a poder trabalhar com a família extensa, em especial quando é o caso de casamento misto ou, no Batismo, onde padrinhos são de outras denominações religiosas. Uma família que está fazendo uma passagem torna-se vulnerável tendo que lidar com sentimentos, mitos e segredos.¹⁴ Se esses fatores são bem trabalhados, o indivíduo e a família podem enfrentar as

¹¹ IMBER-BLACK; ROBERTS, 1993.

¹² FRIEDMAN, Edwin H. **Generation to Generation**. Family Process in Church and Synagogue. New York: Guilford Press, 1985. p. 162.

¹³ FRIEDMAN, 1985.

¹⁴ Cf. FRIEDMAN, 1985, p. 36.

mudanças com sucesso. Importante mencionar que os ritos fazem parte desse ciclo vital familiar e evitar ritos de passagem pode ser prejudicial para o indivíduo e para a família. A pressa para fazer um rito, como, por exemplo, encurtar um funeral, ou encompridar indefinidamente uma passagem podem causar dificuldades para o sistema familiar. Os clérigos aqui assumem a tarefa do aconselhamento pastoral ajudando as famílias nessa passagem. É quase como um treinador de futebol que vai acompanhando as pessoas, orientando e dialogando para que possam se movimentar e destravar forças e sentimentos escondidos e estabelecer diálogos que são difíceis porque existem tabus e medos. Infelizmente, muitas vezes, há certo receio por parte dos clérigos de aproximar as famílias nessas passagens ora por insegurança ora por falta de tempo. O resultado é que muitas famílias com isso se afastam, famílias essas, que com o devido acompanhamento, seriam membros ativos nas comunidades. Muitas famílias, em vez de procurar pela pastora, vão em busca de profissionais na área da saúde, como psicólogos e terapeutas familiares.

Ritos religiosos são todos aqueles ligados a uma cultura religiosa. O rito religioso cristão – ou rito litúrgico – mais conhecido em nosso contexto é o culto comunitário. Esse rito engloba praticamente todos os demais ritos cristãos, ou seja, grande parte dos ritos cristãos acontece na forma do rito culto, dentro do próprio culto. Vejamos quais são esses ritos: há os ritos chamados de sacramentos, que são o Batismo e a Eucaristia; e os ofícios casuais, como penitência, unção de enfermos, confirmação e crisma, matrimônio e sepultamento.¹⁵ Há ainda uma infinidade de outros ritos e rituais – não tão explícitos nos ritos litúrgicos da tradição – que fazem parte da vida cotidiana do cristão e sua devoção pessoal, com símbolos, gestos, costumes e práticas. Todos eles também cooperam para a manutenção dos ciclos pessoais e familiares.¹⁶

Os sacramentos e os ofícios casuais são celebrados em momentos da vida individual e familiar (por isso o nome casual ou ocasional), no seio da comunidade, pois, para os cristãos, nenhuma passagem é um momento exclusivamente privado, mas, antes, uma questão compartilhada por toda a comunidade cristã, como Corpo de Cristo vivo.¹⁷ White classifica esses ritos em jornadas e passagens. As jornadas são aqueles momentos na vida que volte e meia podemos ter que passar, como, p. ex., ficar doente, sentir-se culpado etc. Passagens, por sua vez, são eventos únicos, como, p. ex. o morrer.¹⁸ A maioria desses ritos, senão todos, não foi criada pelos

¹⁵ Para a Igreja Católica, os ofícios casuais protestantes também são vistos como sacramentos ou sacramentais. Uma excelente abordagem sobre os ritos e sacramentos na perspectiva católica se encontra em BECKHÄUSER, Fr. Alberto. **Celebrar a vida cristã**: formação litúrgica para agentes de pastoral e equipes de liturgia e grupos de reflexão. Petrópolis: Vozes, 1996.

¹⁶ Sobre a função terapêutica do culto e dos ritos litúrgicos, ver: ADAM, Júlio César. Culto e aconselhamento pastoral. **Tear**, São Leopoldo, v. 23, p. 6-14, ago. 2007.

¹⁷ Essa compreensão é compartilhada pela maioria das igrejas cristãs. Ver, p. ex., o documento CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS. **Batismo, Eucaristia, Ministério**. Rio de Janeiro: Centro Ecumênico de Documentação e Informação, 1983. p. 15-23.

¹⁸ WHITE, James F. **Introdução ao culto cristão**. São Leopoldo: Sinodal, 1997. p. 204s.

crístãos, mas são ritos tomados de ou moldados na interação com outras práticas, culturas, religiões e costumes locais.¹⁹

2. Ritos e rituais da e na igreja e sua função no ciclo da vida familiar

a) Culto comunitário como rito litúrgico por excelência

O culto comunitário é o rito que congrega todos os demais ritos e atividades comunitárias. A grande maioria dos ritos da igreja é envolvida pelo rito do culto comunitário. Sua função é tão somente esta: encontro com Deus para celebrar a vida de fé de uma comunidade ou de indivíduos dessa comunidade, como parte da grande obra inaugurada em Cristo, rumo à plenitude do reino de Deus. Von Allmen compara o culto cristão ao coração da comunidade. Através do rito do culto, a comunidade, seus membros, adquire dele novas forças para a vida durante a semana que se inicia (diástole) e retorna para o rito cultural cansada do mundo no domingo seguinte (sístole).²⁰ O culto seria como o coração para onde as famílias semanalmente se dirigem, trazendo suas vidas, suas crises, suas alegrias para serem expressas, significadas, orientadas, afirmadas, ganhar apoio dos demais.

No rito do culto cristão, circula a ação simbólico-representativa da igreja (*darstellendes Handel*)²¹, como comunicação pública da experiência cristã, mediada em forma e conteúdo pela tradição bíblica e pela tradição da igreja.²² Ou seja, o culto cristão é comunicação da fé através de simbolização, da representação, da festa e do drama, do rito. No culto, sintetizamos de forma ritual-simbólico-representativa toda a teologia cristã, toda a história da salvação e toda a experiência humana com o Deus dos judeus e dos cristãos. O culto permite experimentar, durante uma hora, em um determinado local, salvação e graça, em forma de encontro entre Deus e seus filhos e filhas. No culto, a história divina é recontada na e através da história das pessoas, dos grupos, que dele fazem parte

Nossa sociedade padece de constante desestruturação (*dia-bólico*) de valores e regras, tempo e espaço, como desestruturação dos sentimentos da pessoa, fragmentação dos vínculos familiares e comunitários. O rito, símbolo (*sim-bólico*) em ação, propicia uma estruturação dos sentimentos, dos costumes e dos valores:

¹⁹ Sobre origens dos ritos litúrgicos, ver: ADAM, Júlio César. Ritos cristãos: história, teologia e prática. In: WACHS, Manfredo Carlos et al. (Orgs.). *Ensino Religioso: Religiosidades e práticas educativas*. São Leopoldo: Sinodal, 2010. p. 89-100.

²⁰ ADAM, Júlio César. **Romaria da Terra**, Brasiliens Landkämpfer auf der Suche nach Lebensräumen – Eine empirische-liturgiewissenschaftliche Untersuchung. Stuttgart: Kohlhammer, 2005. p. 200ss. ALLMEN, J. J. Von. **O culto cristão**: teologia e prática. São Paulo: ASTE, 1969. p. 60.

²¹ SCHLEIERMACHER, F. **Die Praktische Theologie nach den Grundsätzen der Evangelischen Kirche**. Berlin: O. Reimer, 1850 (1983). p. 70.

²² CORNEHL, Peter. Theorie des Gottesdienstes. In: **Theologie Quartalsschrift**, 159, 1979. p. 186.

ele nos organiza, nos estrutura, nos faz sentir seguros.²³ O caráter festivo e celebrativo do rito cultural também ajuda a pessoa, pois a festa está relacionada com o brincar, ou seja, ao exercício desinteressado de alegrar-se, ser inteiro diante de Deus e das pessoas. Através da festa é possível transpor fronteiras, experimentar jeitos alternativos de vida, questionar o que está estabelecido, ensaiar soluções para nossos problemas e limitações, assim como a criança, desinteressadamente, através do brincar, ensaia o mundo em que crescerá. O culto cristão rompe, assim, com a resignação e o fatalismo e cria possibilidades e alternativas.

A Eucaristia, a Ceia do Senhor, é um dos elementos do culto comunitário que pode desempenhar essa função terapêutica nos ciclos da vida familiar. A Ceia tem relação direta com elementos como alimentos (sustento), partilha e comunhão entre as pessoas (relação) e com Deus (transcendência). Ela é a celebração do alternativo, da esperança de um outro mundo possível, justo, digno e pleno de sentido. Na Ceia, acontece uma integração por excelência, entre as pessoas (horizontal) e das pessoas com Deus (vertical). H.-Martin Barth considera o comer e o comer em comunidade como algo de grande importância para o restabelecimento da saúde integral. Se o culto cristão é o resumo simbólico-representativo, a Santa Ceia é o espaço por excelência, o ápice dessa expressão, na qual participamos de forma real e concreta. Nela, tornamo-nos, de fato, um só corpo em Cristo.²⁴

b) Batismo e o nascimento

O rito que festeja o nascimento de uma criança é conhecido na maioria das culturas. É o início de uma vida e tem a ver com o final de uma gestação. Infelizmente muitas denominações cristãs não têm um rito litúrgico de nascimento.²⁵ O Batismo, em essência, não é um rito de nascimento, mas sim um rito de iniciação à comunidade cristã. Por falta de um rito de nascimento, e/ou de um rito de maternidade e paternidade, o Batismo acaba funcionando como tal, um rito de passagem que marca, para a família, o nascimento e onde se pede que a criança seja abençoada e protegida por Deus.

O rito de nascimento e paternidade passa a ser um rito agregado ao Batismo. Como tal, torna um ato público de apresentação do filho que nasceu. Na perspectiva do sistema familiar e do indivíduo, podemos olhar para a posição que se tem dentro da família.²⁶ Podemos perguntar pelo período da gestação, pela posição que

²³ Se levamos em conta, p. ex., o rito cotidiano de cumprimentar uns aos outros, sabemos o quanto a simples não retribuição do cumprimento por parte da outra pessoa nos deixa profundamente desconfortáveis, assim como, ao contrário, a retribuição de um bom-dia nos deixa muito tranquilos.

²⁴ BARTH, Hans-Martin. Die therapeutische Funktion des Heiligen Abendmahls. In: **Pastoraltheologie**, 73, p. 519ss, 1984. Ver também EVANS, Abigail R. **O ministério terapêutico da Igreja**. São Paulo: Loyola, 2002. p. 122s e 124s.

²⁵ Igrejas que batizam adultos têm geralmente um rito de apresentação da criança à comunidade. Esse seria mais apropriadamente um rito de nascimento.

²⁶ BRADT, Jack. Tornando-se pais com filhos pequenos. In: CARTER, Betty e McGOLDRICK, Monica. **As mudanças no ciclo de vida familiar**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995, p. 213; STRECK,

a pessoa tem dentro da família, pelo período de uma ano antes e um ano depois da concepção, entre outras. Por exemplo, se a criança é o primeiro filho de um casal que durante dois anos tentou engravidar ou se é filho de um casal de adolescentes em que o pai não quer assumir a criança. Outra posição familiar teria uma criança que é gerada um ano após a morte acidental de um irmão adolescente e que recebe o nome desse irmão falecido. Devido a esses fatores, um nascimento pode ter um impacto grande numa família e desencadear reações como imensa alegria ou até desestabilizar um casamento ou uma família. Querendo ou não, esses elementos vão ser expressos no rito do Batismo.

O costume de convidar padrinhos para batizar uma criança também tem a ver com o sistema familiar. Quem é convidado e quem é deixado fora pode mostrar o fluxo das relações. Por exemplo, se os convidados são, na maioria, parentes de um dos cônjuges ou se nenhum dos irmãos é convidado e apenas amigos têm muito a ver com as relações familiares. Por outro lado, com as famílias cada vez menores na nossa sociedade, é bem provável que, no futuro, os cônjuges como filhos únicos não tenham mais irmãos para convidar para apadrinhar os seus filhos.

Já em sua compreensão original e autêntica, o Batismo, como rito de iniciação à uma comunidade alternativa, tem grande importância na manutenção dos laços comunitários. O Batismo é, em essência, o rito de renascimento. Ele inaugura uma nova relação com Deus, na qual o pecado e a morte perdem seu poder sobre a pessoa.²⁷ Além disso, a criança ou a pessoa batizada passa a fazer parte da comunidade maior e a fazer parte da igreja, do Corpo de Cristo. A pessoa passa a pertencer, a fazer parte de uma esfera maior que seu grupo familiar. Torna-se parte da comunidade.

c) Casamento

É interessante observar que muitas pessoas pensam que a família ou os parentes pouco têm a ver com o rito de casamento e é comum se ouvir de jovens que não irão casar com a sogra, mas com o filho. Talvez se esqueçam de que esse filho foi criado pela sogra e que certamente irá levar consigo uma bagagem cultural que aprendeu com sua mãe para dentro da casa onde irá morar. Além disso, se o jovem casal e seus familiares podem marcar através do rito a passagem de que a partir desse evento vai haver um desligar-se emocional das suas famílias de origem para iniciar uma caminhada própria, mais fácil será para ambos os lados. Os ritos de passagem em geral iniciam seis meses antes e terminam seis meses a um ano depois. O rito do casamento, por exemplo, é como um “iceberg”, onde a gente só vê uma oitava parte ou, como se diz, a “ponta do Iceberg”²⁸. O resto está submerso e essa parte maior é aquela que foi influenciada por gerações passadas, onde têm

Valburga Schmiedt e SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. **Imagens da Família**. Dinâmica, conflitos e terapia do processo familiar. São Leopoldo: Sinodal, 1996. p. 162.

²⁷ EVANS, 2002, p. 125s.

²⁸ FRIEDMAN, 1985, p. 102; COONTZ, Stephanie. **História del matrimonio**. Barcelona: Gedisa, 2005. p. 102.

mitos, segredos e legados que, em geral, não aparecem. Sabe-se que inúmeras emoções estão envolvidas num casamento e um aconselhamento pré-matrimonial pode ajudar a clarear situações conflitivas. Por exemplo, pode acontecer que uma mãe se tornou amiga da ex-noiva do filho e rejeita a nova noiva. Hostilidades como essas podem ser ventiladas e, ao mesmo tempo, esclarecidas. Algumas vezes, um dos pais se recusa a ir à festa, o que pode causar graves consequências para a passagem. Nesse sentido é importante ajudar o novo casal a focar a atenção neles e, ao mesmo tempo, ajudar os pais a ver que, se opondo ao filho, eles não permitem que esse veja sua situação, mas sim crie animosidade contra os pais.²⁹ Ajudar os pais a rever o seu próprio casamento é valioso, porque o casamento de um filho sempre traz à tona memórias do que passou com eles quando casaram.³⁰ Os avós podem se tornar aliados no processo e inclusive auxiliar a clarear perguntas e dúvidas que poderiam ter sido evitadas por décadas.

Para Friedman, o casamento é um dos rituais de passagem que leva mais tempo para os clérigos devido à sua complexidade, pois envolve duas famílias e, muitas vezes, duas culturas. Isso mostra a importância dessa passagem. Um bom acompanhamento de famílias permite o surgimento de uma rede social na comunidade, onde gerações mais velhas se engajam para cuidar e acompanhar as gerações mais novas. A comunidade como testemunha é chamada a ajudar nessa transição e pode apoiar os pais e o jovem casal para demarcar limites e iniciar a nova fase.

Arriscamos a dizer que a partir de nossas observações, no contexto atual, o rito de formatura tem recebido um *status* semelhante ao do casamento, onde o indivíduo é festejado ao lado de sua família, amigos e colegas. Cremos que isso se deve ao fato que os casamentos duram pouco e que muitos jovens casais não casam e vão morar juntos. Alguns casais fazem a festa de casamento, mas não casam no civil e, é claro, não tem uma bênção religiosa. Os significados desse movimento e suas implicações são, sem dúvida, questões para futuras investigações.

d) Confirmação como rito de puberdade – ou de transição e continuidade

A confirmação é um rito relacionado diretamente ao Batismo, que, por motivos práticos, ao longo da história, se distanciou deste. Hoje, a confirmação tornou-se muito mais um rito de passagem – para as famílias de confissão luterana –, que marca a passagem quando o/a jovem tem 13 anos e significa para os pais que devem permitir que o filho se torne mais independente. É como soltar as amarras para que ele possa ir tomando decisões. A confirmação do Batismo é um ritual em que o adolescente move-se em direção à comunidade e aos poucos para fora de sua família – indo para o mundo.³¹ Muitas vezes, dá-se pouca atenção às forças envolvidas neste ritual. Um ritual de confirmação pode ser uma grande oportunidade para o

²⁹ FRIEDMAN, 1985, p. 106ss; CARTER; MCGOLDRICK, 1995, p. 184.

³⁰ STRECK; SCHNEIDER-HARPPRECHT, 1996, p. 61ss.

³¹ STRECK; SCHNEIDER-HARPPRECHT, 1996, p. 163.

adolescente entrar na cultura religiosa de sua comunidade e também para conhecer a cultura das gerações passadas de sua família. Por outro lado, os pais podem ser ajudados a se dar conta que esta é a passagem em que, de forma simbólica, deixam de tratar o filho como criança e começam a vê-lo como um jovem que vai fazendo o seu caminho para o mundo adulto.

Geralmente os pais começam a planejar este cerimonial seis meses antes. Perguntam se irão fazer uma festa maior ou menor, quem convidar, ou o que vestir. Vários fatores podem estar em jogo. Por exemplo, pode ser que tenha havido uma desavença entre uma madrinha e a mãe do confirmando e agora tem que decidir se irão convidar essa madrinha. Pode ser que os pais se separaram e o pai tem uma nova namorada, que não é bem-vinda na festa.³² Para algumas famílias, esse é também um momento de estabelecer fronteiras, em especial com famílias reconfiguradas ou em processo de luto. Por exemplo, a separação do casal pode significar muito em um momento como o rito de passagem para a adolescência, em especial quando os sentimentos envolvidos na separação não foram suficientemente trabalhados.³³ Em si, é nesta passagem que várias reconexões com as diferentes gerações podem ser refeitas e esclarecidas, bem como uma oportunidade de resolver conflitos dentro e fora do sistema familiar. Este rito mostra claramente a importância de uma interação entre indivíduo, a família e a comunidade, para que a pessoa jovem possa desenvolver a sua identidade. Nas comunidades luteranas, esse aspecto é pouco considerado e, muitas vezes, após a confirmação, o jovem abandona a igreja porque ela não lhe oferece um espaço.

Para as gerações passadas, mais do que para as atuais, o rito da confirmação tinha o sentido de entrada para o mundo adulto. Com a grande mudança cultural em curso, a juventude tem se entendido para além dos trinta anos e o *status* de alguém com 13 anos está longe de ser considerado um adulto. Por outro lado, deveríamos nos perguntar se, de certa forma, não é “permitido” aos adolescentes que eles experimentem sexo? Além disso, como explicar o fácil acesso ao álcool e às drogas? Ao mesmo tempo, os adultos não querem envelhecer e buscam o “enjuvhecimento” de todas as formas possíveis, o que causa um deslocamento no significado de ser jovem. Talvez aqui o rito de passagem da confirmação possa ganhar novo impulso e ser redescoberto como uma passagem que ajude a colocar limites e trazer novas possibilidades, não somente para os jovens, mas também para os pais.

e) O rito da penitência e reconciliação

Os ritos de penitência e reconciliação têm sua origem na dimensão purificadora do Batismo. São ritos que auxiliam a pessoa a lidar com o sentimento de

³² DAVIS, Judith. Mazl Tov: The Bar Mitzvah as a multigenerational Ritual of Change and Continuity. In: IMBER-BLACK, Evan; ROBERTS, Janine; WHITING, Richard (Eds.). **Rituals in Families and Family Therapy**. New York: W. W. Norton & Company, 1988. p. 158-176, 178.

³³ DAVIS, 1995, p. 193.

culpa e o arrependimento. A absolvição possibilita à pessoa um novo começo em sua vida. Além dessa dimensão individual e íntima, são ritos salutares para restabelecer desentendimentos e intrigas nos grupos familiares e comunitários; quando não ritos de dimensões universais, como pedido de perdão a um povo a outro por um episódio trágico do passado.

A confissão de pecados, elemento constitutivo da liturgia do culto, possibilita esse momento de reconhecimento das falhas e limitações pessoais e coletivas e pode ser uma excelente oportunidade para membros da família se perdoarem. Este rito possibilita à pessoa e à comunidade, a cada culto, relembrar sua condição humana, falha e pecadora. A confissão de pecados é de grande utilidade como momento de expressão, de verbalização, diante de Deus, dos sentimentos de culpa e arrependimento. Cultos especificamente de penitência deveriam ser mais e mais retomados em nossas igrejas, justamente para ir ao encontro da imensa necessidade das pessoas de expressar, diante de Deus e de si mesmas, sua culpa, seu sentimento de culto, e de se sentir perdoadas, aceitas, para um novo começo.

f) Enterro e funeral

Este é considerado o mais importante dos rituais de passagem no ciclo de vida familiar e tem grande influência na vida familiar e nos eventos do ciclo de vida que se seguem. Por exemplo, se a morte e funeral acontecem meses antes de um casamento, nascimento ou confirmação, vai influenciar no clima emocional desses eventos bem como dos participantes.³⁴ Um funeral é diferente dos outros ritos de passagem da família, porque aqui não se pode planejar previamente como fazer o evento. Um funeral não tem convites prévios nem planejamento prévio. Claro que, em situações especiais, como a morte de uma pessoa idosa ou um doente terminal, pode ser que a família, junto com a pessoa moribunda, tenha planejado como será o funeral. Mas essas situações são exceções e não a regra. Muitas vezes, os familiares são pegos de surpresa e ficam bastante confusos na hora sobre o que fazer primeiro. Na sociedade contemporânea, as agências funerárias vão assumindo o papel social antes desempenhado por vizinhos e parentes, que ajudavam a família na organização do ritual. Cabe lembrar que o aspecto financeiro envolvido num funeral pode onerar a família e desencadear nova crise entre os enlutados na hora de pagar a conta.

O ritual de enterro é uma oportunidade para a família nuclear e também para a família extensa de refazer contatos e elaborar relações cortadas, bem como reelaborar sentimentos recalçados. Também é uma boa oportunidade para celebrar a pessoa que faleceu.³⁵ Para os clérigos é importante escutar empaticamente a família e ouvir o que ela conta sobre a pessoa falecida. A falta de ouvir o que é dito sobre a pessoa falecida tem contribuído para causar confusões após a alocação feita,

³⁴ FRIEDMAN, 1985, p. 168.

³⁵ FRIEDMAN, 1985, p. 168.

porque é um momento sensível para o sistema familiar. O uso efetivo de rituais de passagem ajuda a fortalecer as famílias e suas redes sociais, bem como promovem o bem-estar individual e abrem novas possibilidades para resgatar a espiritualidade e a religiosidade.

g) Outras passagens, outros ritos

Mesmo com toda essa diversidade de ofícios casuais, sacramentos e cultos, que ajudam as pessoas e a comunidade a ritualizar sua vida e sua crença, ainda assim muitos aspectos da vida familiar acabaram, ao longo dos séculos de tradição, ficando sem um rito específico.

Liturgias para passagens, como adoção de uma criança, gravidez, adolescência, ingresso na aposentadoria, aniversário de 15 anos de uma jovem, emigração de uma família jovem para outro país, fechamento de uma igreja numa área rural atingida por despovoamento, segundo enlace matrimonial de cônjuges, que já haviam passado por uma separação, separação matrimonial, conclusão de estudo e formatura, internações hospitalares, constatação de uma doença, como, por exemplo, ritos HIV/Aids, perda de familiares, acidentes com sequelas, nascimento de crianças com deficiência, perda de emprego, mudança de residência, saída dos filhos de casa – todos momentos eminentemente familiares – não existem.

Justamente porque os cristãos creem que Deus se tornou humano em Jesus Cristo e, com isso, assumiu e abençoou a existência humana com todas as suas características e necessidades, a igreja hoje se dá conta que deve levar a sério liturgicamente as jornadas e passagens da vida, quaisquer que sejam, como um imperativo da encarnação de Deus. Como escreveu White, os ofícios ocasionais “manifestam a solicitude amorosa da comunidade cristã para com seus membros à medida que prosseguem em sua contínua jornada ao longo da vida ou quando passam por experiências novas e irrevogáveis”³⁶. Novos ritos precisam, pois, ser criados e moldados.³⁷

A ausência e a indiferença da igreja nesses momentos críticos da vida causam grandes frustrações a muita gente. A atenção e o cuidado através dos ritos, ao contrário, lhe resgatam a credibilidade. Em atenção às crises de passagem, os cultos e ritos podem adquirir nova vivacidade e sentido para as pessoas. A igreja tem uma riquíssima herança de ritos, que podem trazer o cuidado de Deus para junto das pessoas e realmente ajudá-las a lidar com situações familiares.

³⁶ WHITE, 1997, p. 204.

³⁷ Um excelente estudo sobre as outras passagens, ver MANSK, Eri. **A ritualização das passagens da vida: desafios para a prática litúrgica da Igreja**. São Leopoldo: EST, 2009.

Conclusão

Os ritos e rituais cristãos possibilitam, sim, lidar com sentimentos e crises gerados por situações nos ciclos da vida pessoal e familiar. Os ritos e rituais cristãos ajudam as pessoas e as famílias a melhor marcar e se localizar no tempo e no espaço, por exemplo. Os ritos possibilitam que situações, sentimentos e crises ganhem, através do rito, expressão, afirmação, orientação e integração.³⁸ Os ritos ajudam a pessoa e a família a distanciar-se³⁹ da própria situação ou da crise para poder percebê-la e processá-la melhor.

Os ritos litúrgicos são mais que mera tradição e prática da igreja. Eles envolvem a vida das pessoas de tal forma, que neles e através deles o transcendente, Deus, e o imanente, o ser humano, se encontrem. Nos e através dos ritos, a teologia e a vida tomam forma, se expressam, se afirmam, se orientam e se integram. Conhecedora desse potencial, cabe à teologia prática e à igreja, mais do que nunca, resgatar os ritos existentes e explorá-los em sua função terapêutica.

Da mesma forma, conhecedora das muitas crises pessoais e familiares provocadas pelos novos tempos, cabe à teologia prática e à igreja refletir sobre a necessidade de novos ritos, novas formas de expressão da fé e do evangelho através de ritos. Ritos precisam ser criados, inculturados, redescobertos.⁴⁰

Nesta discussão, certamente teremos que nos confrontar com outro desafio. A pós-modernidade trouxe consigo a desagregação institucional e o abandono das metanarrativas e das tradições por parte das pessoas. Isso tem consequências diretas para a prática e a busca dos ritos litúrgicos na igreja e, conseqüentemente, na vida das famílias. Um sinal evidente dessa mudança está na pouca adesão dos membros da igreja – principalmente das igrejas históricas – à prática de ritos na igreja, como já apontamos no início deste artigo. A dispensa do rito pode estar apontando para uma mudança na própria vivência do ciclo da vida familiar e para a necessidade de marcá-lo – ou não – através dos ritos.⁴¹

³⁸ CORNEHL, 1979, p. 181-184.

³⁹ LANGE, Ernst. **Predigen als Beruf**: Aufsätze zu Homiletik, Liturgie und Pfarramt. 2. ed. München: Kaiser, 1987. p. 89.

⁴⁰ Sobre esse aspecto, ver a tese de doutorado de MANSK, Erli. **A ritualização das passagens da vida**: desafios para a prática litúrgica da Igreja. São Leopoldo: EST, 2009. Sobre a o processo de inculturação dos ritos litúrgicos, ver STAUFFER, Anita (Ed.). **Baptism, Rites of Passage, and Culture**. Geneva: LWF, 1999.

⁴¹ Como aponta Bieritz: [...] em sociedades modernas, os rituais perdem cada vez mais seu poder transformador. Eles sucumbem à tendência de privatização e são deslocados para o âmbito do tempo de lazer. A participação em rituais fica por conta da “livre” escolha dentre uma oferta de possíveis alternativas. [...] sob a pressão de sempre novos impulsos de individualização, desaparece sempre mais a necessidade de um acompanhamento ritual do ciclo de vida, bem como a capacidade de comunicação ritual. BIERITZ, K.-H. Antropologische Grundlegung. In. SCHMIDT-LAUBER, Hans-Christoph; MEYER-BLANCK, Michael; BIERITZ, Karl-Heinrich (Eds.). **Handbuch der Liturgik**. 3. ed. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2003. p. 124ss. (tradução nossa).

Seria, inclusive, de se perguntar o que surgiu primeiro: se o desinteresse pelos rituais é algo que surge entre as famílias em suas desagregações, ou se, justamente por falta de uma prática de ritos consistentes, as famílias têm se desagregado e deixado de “crer” no potencial religioso dos ritos.

Outros sinais desse distanciamento dos ritos clássicos se evidenciam na busca por outras formas de expressão e vivência de passagens e momentos marcantes na vida, como, por exemplo, o uso de espaços virtuais ou a adesão a elementos da cultura popular e midiática, como uma nova forma de organizar, marcar e expressar os ciclos pessoais e familiares. Isso representaria, de certa forma, uma nova forma de ritualização dos ciclos da vida individual e familiar?

[...] uma transformação ainda pouco percebida do comportamento ritual, talvez um deslocamento para o âmbito da carreira, do consumo, do entretenimento, da terapia. [...] sobretudo as áreas da literatura, do teatro, da música, da dança, das artes plásticas, do esporte, do jogo, e também da ciência relacionada ao *self* assumem funções que, nas culturas antigas, são vinculadas às experiências de liminaridade das fases liminares rituais. [...] os clássicos rituais liminares se transformam em uma espécie de novos rituais de orientação e recreação, conscientemente celebrados no caminho, nos planos do curso de vida. Eles não marcam mais a assunção de novos papéis, mas uma confirmação de papéis já exercidos. Parece que estamos a presenciar o surgimento de novas necessidades rituais que se sobrepõem às necessidades originais, vinculadas aos momentos de transição da vida.⁴²

Nessa nova configuração, os ritos não mais desencadeiam ou marcam algo decisivo, mas são muito mais uma forma interessante de confirmação ou de *performance* midiática de decisões e experiências já anteriormente tomadas e desencadeadas, algo que nos convoca a novos estudos sobre a função dos ritos no ciclo da vida pessoal e familiar na atualidade.

Referências bibliográficas

- ADAM, Júlio César. Culto e aconselhamento pastoral. **Tear**, São Leopoldo, v. 23, p. 6-14, ago. 2007.
- BARTH, Hans-Martin. Die therapeutische Funktion des Heiligen Abendmahls. In: **Pastoraltheologie**, 73, p. 512-525, 1984.
- BECKHÄUSER, Fr. Alberto. **Celebrar a vida cristã: formação litúrgica para agentes de pastoral e equipes de liturgia e grupos de reflexão**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- BIERITZ, K.-H. Antropologische Grundlegung. In: SCHMIDT-LAUBER, Hans-Christoph; MEYER-BLANCK, Michael; BIERITZ, Karl-Heinrich (Eds.). **Handbuch der Liturgik**. 3. ed. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2003. p. 96-127.
- BRADT, Jack. Tornando-se pais com filhos pequenos. In: CARTER, Betty e MCGOLDRICK, Monica. **As mudanças no ciclo de vida familiar**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

⁴² BIERITZ, 2003, p. 124 e 125.

- CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS. **Batismo, Eucaristia, Ministério**. Rio de Janeiro: Centro Ecumênico de Documentação e Informação, 1983.
- COONTZ, Stephanie. **História del matrimonio**. Barcelona: Gedisa, 2005.
- DAVIS, Judith. Mazl Tov: The Bar Mitzvah as a multigenerational Ritual of Change and Continuity. In: IMBER-BLACK, Evan; ROBERTS, Janine; WHITING, Richard (Eds.). **Rituals in Families and Family Therapy**. New York: W. W. Norton & Company, 1988.
- CORNEHL, Peter. Theorie des Gottesdienstes. In: **Theologie Quartalsschrift**, 159, p. 178-195, 1979.
- EVANS, Abigail R. **O ministério terapêutico da Igreja**. São Paulo: Loyola, 2002.
- FRIEDMAN, Edwin H. **Generation to Generation**. Family Process in Church and Synagoge. New York: Guilford Press, 1985.
- IMBER-BLACK, Evan; ROBERTS, Janine; WHITING, Richard (Eds.). **Rituals in Families and Family Therapy**. New York: W. W. Norton & Company, 1988.
- IMBER-BLACK, Evan, ROBERTS, Janine. **Rituals for our Times**. Celebrating, Healing and Changing our Lives and our Relationships. New York: Harper, 1993.
- IMBER-BLACK, Evan. Ritual Themes in Family Therapy. In: IMBER-BLACK, Evan; ROBERTS, Janine; WHITING, Richard (Eds.). **Rituals in Families and Family Therapy**. New York: W. W. Norton & Company, 1988. p. 47-83.
- LANGE, Ernst. **Predigen als Beruf**: Aufsätze zu Homiletik, Liturgie und Pfarramt. 2. ed. München: Kaiser, 1987.
- MANSK, Erli. **A ritualização das passagens da vida**: desafios para a prática litúrgica da Igreja. São Leopoldo: EST, 2009.
- PALAZOLLI, M. S. et al. **Family Games**: General Models of Psychotic Processes in the Family. London: H Karnac, 1989.
- PEIRANO, Mariza. **Rituais ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- RAMSHAW, Elaine. **Ritual and Pastoral Care**. Filadelfia: Fortress, 1987. (Theology and Pastoral Care Series).
- ROBERTS, Janine. Setting the Frame: Definitions, Functions and Typology of Rituals. In: IMBER-BLACK, Evan; ROBERTS, Janine; WHITING, Richard (Eds.). **Rituals in Families and Family Therapy**. New York: W. W. Norton & Company, 1988. p. 3-46.
- STAUFFER, Anita (Ed.). **Baptism, Rites of Passage, and Culture**. Geneva: LWF, 1999.
- STRECK, Valburga Schmiedt e SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. **Imagens da Família**. Dinâmica, conflitos e terapia do processo familiar. São Leopoldo: Sinodal, 1996.
- VAN GENNEP, A. **The Rites of Passage**. Chicago, IL: University of Chicago Press, 1960.
- WHITE, James F. **Introdução ao culto cristão**. São Leopoldo: Sinodal, 1997.